Ano 6, n. 18, 2013
Seção Colunas
02/10/2013

Como se faz Literatura Comparada? - I

Gustavo Bernardo

Gustavo Bernardo é Doutor em Literatura Comparada, Professor Associado de Teoria da Literatura no Instituto de Letras da UERJ e pesquisador do CNPq. Publicou doze ensaios, entre eles "A Educação pelo Argumento" e "O Livro da Metaficção", e onze romances, entre eles "A filha do escritor" e "Nanook". Publicou, pela editora Rocco, o livro "Conversas com um professor de literatura", contendo 50 crônicas desta Revista Eletrônica do Vestibular da UERJ. Seu ensaio "A ficção de Deus", publicado pela Annablume, acaba de receber o Prêmio da Biblioteca Nacional para o Melhor Ensaio Literário de 2015. Edita o site www.gustavobernardo.com, sobre as suas obras.

Se os meus leitores se lembram, já disse que a melhor teoria da literatura é aquela que encontramos na própria literatura. A prática literária contém sempre a sua própria teoria. Aos leitores, nos cabe explicitá-la.

Da mesma maneira, a disciplina da literatura comparada funciona se e somente se acompanhamos as comparações intrínsecas às obras literárias. Umberto Eco observa que a literatura parte antes da própria literatura do que da realidade. Cada ficção se alimenta antes de outras ficções. A chamada "intertextualidade" não é casual no texto literário, na verdade ela o constitui.

Dito isso, convido-os a me acompanhar em um exercício de literatura comparada, reconhecendo como um escritor contemporâneo escreve seu romance a partir de outro romance escrito muito antes. Para fazer literatura comparada, acompanho e discuto a comparação estabelecida por um escritor do século XXI com um escritor do século XIX.

Defendo a tese de que o nosso escritor contemporâneo intencionalmente cria o seu protagonista para vingar o que fizeram lá atrás ao protagonista do nosso escritor mais antigo. Para demonstrar bem essa tese, peço licença para cometer duas crônicas um pouco maiores.

Os protagonistas de ambos os escritores sofrem o mesmo trauma: eles são forçados a passar anos no seminário de formação de padres católicos. Ambos os romances ostentam o mesmo título: *O Seminarista*.

O Seminarista contemporâneo é publicado em 2009 e escrito por Rubem Fonseca.

O Seminarista mais antigo é publicado em 1872 e escrito por Bernardo Guimarães.

A melhor comparação, no caso, se dá do presente para o passado. Logo, devemos partir das comparações estabelecidas por Rubem Fonseca em relação ao texto de Bernardo Guimarães.

O protagonista do romance de Rubem Fonseca é também o narrador da história. Seu nome é José. Não por acaso, o escritor Rubem Fonseca também se chama José: José Rubem Fonseca. A par a coincidência que nunca é coincidência, o nome José ainda remete ao nome do pai adotivo (digamos assim) de Jesus Cristo, reforçando a temática religiosa.

José gosta de poesia e faz citações frequentes usando o latim que aprendeu no seminário. José também gosta de árvores e de vinho. Desde criança odeia quem faz maldades com animais, afirmando: "matar passarinho é pior que matar gente má". Ao final do romance, José faz amizade com um detetive de sobrenome Vásquez.

O escritor não foi seminarista mas é amigo do delegado Ivan Vasques, que inspira os policiais de seus livros. O próprio escritor foi delegado de polícia e também se assume um dendrólatra, nome que se dá a alguém que gosta de árvores. De origem lusitana, aprecia o vinho, embora a idade e a saúde não o deixem mais beber. Claro, o escritor ainda é um excelente leitor de poesia, referindo-se à poesia em quase todos os seus romances.

Entretanto, a ocupação desse personagem tão semelhante a seu criador que parece um alter ego, um "outro eu", difere radicalmente da ocupação do escritor. José, o personagem ex-seminarista, é também um matador de aluguel. Um assassino profissional. Na verdade, trata-se de um dos melhores matadores do mercado, atendendo pela alcunha de "o Especialista".

Seus trabalhos são encomendados por outro homem conhecido como o Despachante, que por sua vez atende a encomendas anônimas. As

execuções se repetem mecanicamente, sem afligir muito o leitor acostumado com a violência abstrata dos filmes de ação, menos ainda o leitor acostumado com a violência irônica dos livros de Rubem Fonseca.

O matador se recusa a saber qualquer detalhe da vida dos "clientes" que executa, justamente para não se envolver. Termina o trabalho sempre com um tiro rápido na cabeça do alvo, para minimizar o sofrimento do sujeito. Ele filosofa sobre o seu trabalho: "para um matador profissional a pior coisa do mundo é ter uma consciência, não existem coisas erradas e coisas certas, é tudo a mesma merda".

Cansado dessa vida de matador, José quer se aposentar para viver em paz ao lado da mulher amada: uma bela alemãzinha de olhos azuis que não por acaso se chama "Kirsten" – em grego, "cristã", equivalente ao português "Cristina".

A situação se torna dramática. O casal é perseguido e ameaçado, o que obriga José a investigar os casos que pegou para identificar a fonte das ameaças. O leitor tende a torcer por ele, quer porque acompanha a história pelo seu ponto de vista, quer porque o personagem passa de caçador a caça.

A professora Vera Figueiredo, autora do artigo "O crime como pista falsa", publicado no jornal *O Globo* de 07/11/2009, observa que, nesse ponto dos romances de Rubem Fonseca, caímos numa armadilha: nos deixamos levar pelo jogo perverso do escritor com o ponto de vista. Esse jogo "põe em xeque todas as certezas, inclusive as crenças que fundamentam as interpretações ingenuamente humanitárias".

Para Vera, o tema central da obra de Rubem Fonseca é o mesmo de Machado de Assis, em que pesem as muitas diferenças entre os dois artistas: o da verdade como ilusão retórica. No caso de Rubem, toda a violência exacerbada tem como alvo principal os discursos clicherizados e reificados. Com sua ficção e suas palavras, Rubem Fonseca não procura ferir pessoas, obviamente, mas os clichês esclerosados de algumas pessoas.

A desconfiança de que toda verdade não é mais do que uma construção do discurso favorece personagens solitários, tão nostálgicos quanto cínicos. Esses personagens não conseguem mais acreditar nos valores que sustentam a sociedade, mas também não se libertam completamente desses valores.

José se convence de que Deus morreu, o que o autoriza a matar por dinheiro. Mantém, no entanto, o hábito das citações latinas. Da sua formação religiosa, restam um esporádico sentimento de culpa e "estes fragmentos de textos, transformados em máximas e veiculados numa língua morta que, ironicamente, os legitima".

A ironia é de fato a coluna vertebral de todo livro de Rubem Fonseca. Uma leitura apressada pode lê-lo como realista por causa da temática urbana e violenta, mas soluções e personagens inverossímeis, como este seminarista-matador, o fazem mostrar o avesso do que parecem mostrar. Há sempre supostas inconsistências e incoerências realistas que, na verdade, formulam perguntas críticas e metáforas fundamentais.

Por exemplo: em uma mesma página o personagem do Despachante é morto pelo próprio Especialista e a seguir simplesmente retorna, sem nenhuma explicação, como se nada houvesse acontecido. A hipótese de um erro do escritor é descartável, não se tratasse de Rubem Fonseca e não acontecesse tudo na mesma página.

O protagonista narrador relata que tenta se aposentar, despachando o Despachante, mas este manda uma mulher matá-lo. Ele então mata a mulher com um tiro na cabeça e o Despachante com um tiro nos cornos e dois na cabeça, desenhando uma cruz na cabeça do outro "para ele ficar desfigurado e ter que ser enterrado com o caixão fechado". Antes de atirar José ainda manda o Despachante tirar os óculos escuros, revelando "dois olhos azuis rutilantes que relampaguearam criando sinapses perturbadoras em minha mente".

Pois não é que, poucas linhas abaixo, nosso matador encontra na rua a sua Kirsten tomando café com, "pasmem assim como eu fiquei pasmo", o próprio Despachante: "o que era aquilo? Um avatar? Uma encarnação, como a de Vishnu? Mas sempre achei o hinduísmo, como todas as religiões, uma tartufice".

Depois de descartar essas duas tentativas canhestras de explicação e não tentar buscar outra, José os aborda, dando um susto em Kirsten. O Despachante não se assusta e ainda pergunta: "não está surpreso de me ver?". O Especialista responde, já aceitando aquele inverossímil retorno do além: "mais ainda de ver os dois conversando".

O Despachante então lhe explica, não a sua volta do mundo dos mortos, mas sim que se chama Gunter Sweder e Kirsten, Kirsten Sweder. Ou seja, o Despachante é o pai de Kirsten. Ela tinha a missão de espionar José, mas se apaixonou e não conseguiu. Só nesse momento José percebe os olhos azuis dos dois.

A morte e a imediata ressurreição do Despachante, sem qualquer explicação, o credenciam ao papel de Deus: um sujeito que não mata mas manda

matar, através dos seus anjos-especialistas. Ele não tem um filho mas uma filha e ela se chama Kirsten, que tanto significa “cristã” quanto “Crista”. Sua Kirsten é nada menos do que a versão feminina de Jesus Cristo.

A caracterização do Despachante – “magro e alto, muito branco, louro” – lembra a imagem que temos de Deus, apesar de a vestimenta – “terno preto, camisa branca, gravata preta e óculos escuros” – sugerir antes um mafioso ou um bicheiro. Os “olhos azuis rutilantes que relampagueam” reforçam a imagem do personagem, construindo desse modo uma ironia fortíssima sobre a figura da divindade. Essa ironia é tão forte que o escritor se dá ao luxo de duplicá-la mais adiante.

Antes de vermos essa duplicação irônica, percebemos que há outra questão crucial que a narrativa de O seminarista propositalmente não responde: o que leva um seminarista, isto é, alguém que se prepara por anos para se tornar padre, a não somente largar o seminário como ainda a se tornar um assassino por dinheiro?

José chega a dizer que considera todas as religiões “uma tartufice”, isto é, uma criação típica de um Tartufo, o personagem religioso, hipócrita e dissimulado da comédia de Molière (olha a literatura comparada aí). Entretanto, esta crítica categórica à religião ainda não parece razão suficiente para se transformar em assassino de aluguel: ela levaria talvez a uma desilusão profunda, mas não a se bandear para o extremo oposto do campo moral.

Logo, a narrativa, na voz do próprio matador-seminarista, não aponta nenhum acontecimento, nenhum trauma, nenhuma predisposição, enfim, nenhuma lógica nessa mudança tão radical.

Levanto uma primeira hipótese explicativa: se a narrativa não apresenta nenhuma justificativa para a mudança do seminarista em matador, então na verdade não aconteceu nenhuma mudança: o seminarista já era um assassino e o assassino continua sendo um seminarista.

O seminário, nesse caso, pode ser visto como uma sofisticada escola de assassinos – assassinos que se especializam em matar com as palavras. E o que eles matam? Para começar, o prazer, especialmente o prazer sem culpa, tema das tórridas cenas eróticas de todos os livros de Rubem Fonseca. Além do prazer, os assassinos seminaristas também matam as dúvidas das pessoas, substituindo-as por certezas paralisantes.

Ora, se eles matam as dúvidas, matam também o pensamento. *Dubito ergo sum*, diriam Descartes e o personagem – em português, “duvido logo existo”. Se não duvido, então não penso. Por isso José mata seus “clientes” com um único tiro na cabeça – com um único tiro no pensamento.

Um dos episódios que sustenta essa hipótese é aquele em que José precisa se desfazer da sua pistola Glock, para ocultar a evidência principal da sua atuação. Naquele momento o matador sente uma dor intensa no coração: “eu não ia dar nem vender aquela maravilha, seria como se vendesse a estatueta de um santo da minha casa, se eu fosse religioso e tivesse uma estatueta de santo na minha casa”.

A Glock é o fetiche religioso tanto do seminarista que ele não deixou de ser quanto do matador que ele se tornou. Ele acaba jogando a pistola no meio da baía de Guanabara, mas algumas vezes sonha com o que fez e acorda suando, assustado.

A hipótese de que não há mudança do seminarista para o assassino também é condizente com a explicação de Vera Figueiredo: de que a violência na literatura de Rubem não surge da narrativa dos crimes. Os crimes são pistas falsas, simplesmente pretextos metafóricos para que se questione a verdadeira violência: a violência da linguagem. A linguagem é precisamente o lugar onde se constroem as ficções lógicas que explicam e justificam qualquer ação violenta e cruel.

José aprende que “não existem coisas erradas e coisas certas, é tudo a mesma merda”. De acordo com a minha hipótese, José, o personagem assassino do José escritor, chega a essa conclusão niilista observando como a teologia que lhe ensinaram vem transformando há séculos o certo, por exemplo a necessidade humana tanto de conforto quanto de transcendência, em errado – por exemplo, a negação das dúvidas, as santas inquisições, os autos de fé em que se queimam tanto livros de ficção e poesia quanto mulheres bonitas que na vida cometeram apenas esse pecado: o de serem bonitas num mundo de pessoas muito feias.

Encontro ainda uma outra hipótese, igualmente literária, para a transformação do doce seminarista em assassino de aluguel: vingança. O seminarista José age como matador para vingar um outro seminarista. Esse outro seminarista atende pelo nome de Eugênio, porém é citado apenas indiretamente no romance de Rubem Fonseca, a partir da semelhança entre os títulos das obras. O leitor aguarde, desenvolvo esta hipótese na próxima crônica.

Por enquanto, encontro outro personagem de *O seminarista* que compõe um conjunto muito forte de ironias. Só o conhecemos pelas iniciais DS. O personagem DS é pior do que o narrador, porque não mata mas manda matar.

DS lembra a maneira como os judeus de língua portuguesa se referem a Deus. Eles recorrem a uma contração impronunciável, “D’us”, uma vez que não podem falar seu nome em vão, sequer nomeá-lo. Alguns religiosos de certas igrejas evangélicas também escrevem Deus deixando apenas o “D” e o “S”, justamente assim: “D’S”. Explicam que se trata de “Deus” sem o “eu”.

A solução mostra-se poeticamente interessante, mas sua apropriação por Rubem Fonseca assusta. O narrador do romance diz igualmente que não pode chamar DS pelo nome, que deve usar apenas as iniciais. Ora, no Antigo Testamento o personagem Deus parece algumas vezes pior do que suas criaturas, ou porque não mata mas manda matar, ou porque pode salvar e não salva. DS, o personagem de Rubem Fonseca, pode ser ninguém menos do que Deus: no caso, Deus II, porque o Despachante também representa Deus. Temos aqui a nossa ironia duplicada.

DS estudou no Seminário com José, que o apresenta como “muito inteligente e culto, um verdadeiro exegeta, conhecia os textos bíblicos melhor do que os padres, sabia vinte vezes mais latim do que eu e gostava de mulheres tanto quanto eu (nesse quesito nós empatávamos)”. DS, no entanto, “vivia ocupado estudando letras na faculdade, queria ser professor de literatura”.

O colega de José é melhor do que ele como seminarista, o que adiante o torna melhor do que ele como assassino (ou pior, depende do ponto de vista), até porque o próprio José passa a ser o seu principal alvo. Além disso, DS estuda letras para ser professor de literatura, sugerindo uma acusação bastante comum entre escritores e não de todo improcedente: a de que os professores de literatura, ao tentar enquadrá-la ou reduzi-la a uma sequência linear de estilos de época, acabam por assassinar a própria literatura.

Quando José tenta se aposentar e é ameaçado de morte, ele acredita que o responsável é um tal de Ziff. Então, procura o seu amigo DS, que se tornou muito rico e por isso mesmo tem muitos contatos no submundo. Eles se encontram no bar do Gávea Golf Club, onde confraternizam com água mineral sem gás. DS logo lhe pergunta se ele continua ateu – segundo a nossa interpretação, se não acredita Nele mesmo!

José responde que sim, claro, continua ateu, argumentando contra a famosa aposta de Pascal: “porque estou envelhecendo você acha o que, DS? Que vou ficar amedrontado e concluir que é melhor acreditar em Deus, porque se estiver certo tenho uma chance de escapar do inferno e se estiver errado não tenho nada a perder, é isso?”.

Logo terminam a discussão e voltam para o assunto que interessa: se DS sabe quem é Ziff e por que o jurou de morte. DS tem alguma ideia, sim, e lhe sugere pistas que o amigo resolve seguir.

Depois de algumas peripécias, José encontra Kirsten, sua namorada, morta com um tiro no peito. Kirsten morre como um Cristo. José chora pela primeira vez na vida, “uivando como um animal selvagem”.

O seminarista se arma e vai na casa de Ziff. Lá, mata o porteiro, o cara que abre a porta e tudo o que se mexe à sua frente, inclusive “um cachorro, um papagaio e um peixinho dourado dentro de um aquário”.

Um leitor do tipo “cri-cri” pode reclamar de incoerência, afinal de contas esse matador se recusava a matar ou molestar mulheres e animais. No entanto, à la Woody Allen e Machado de Assis, Rubem Fonseca não abandona o humor nem mesmo no momento mais dramático da história. Ele não perderia a piada apenas para manter a coerência, que de resto não é uma das qualidades do nosso personagem e narrador.

Por fim José encontra Ziff e decepa suas duas mãos com dois tiros. Antes de ser morto, Ziff lhe conta que é apenas o testa de ferro de um sujeito conhecido tão somente pelas iniciais: DS.

DS, seu amigo do Seminário.

DS, o ateu que é também uma representação irônica de Deus.

DS, que queria ser professor de literatura.

José vai à casa de DS, ou seja, de Deus.

Chegando lá, também mata todo mundo, acorda o ex-amigo e conta que já sabe de tudo. DS explica que o contratara várias vezes como matador, através do Despachante, mas uma ponta solta num dos últimos trabalhos o obrigara a mandar matá-lo, como fizera com Kirsten.

Antes de finalmente matá-lo, cansado, José lhe arranca a língua, aquela língua que sabia vinte vezes mais latim do que ele (claro, se era Deus), e fura seus olhos. O José personagem e o José escritor conseguem, desse modo, matar ninguém menos do que Deus – e duas vezes!

Como seria de se esperar, a polícia não pega o nosso herói – ou o nosso bandido, depende do ponto de vista. Na verdade, não chega nem perto. José

passa a visitar o túmulo de Kirsten toda semana enquanto volta à ativa como matador, mas agora sob outro codinome: ele passa a atender como “o Seminarista”.

Quando já posso estabelecer a comparação entre O Seminarista de Rubem Fonseca e O Seminarista de Bernardo Guimarães – mas na próxima crônica.